

## Cartas aos escritores do meu ramo

O nome da exposição que hoje abrimos no Centro Cultural da UFMG, com curadoria minha e de Ângela Castelo Branco e a colaboração de Erick Gontijo e João Rocha, foi colhido de uma carta que Maria Gabriela Llansol escreveu ao crítico português Eduardo Prado Coelho, tentando explicar porque se negava a representar Portugal e a literatura portuguesa na França, ocasião em que o país era homenageado na Europália.

Essa carta, que ela escreveu e leu imediatamente para mim ao telefone, porque desejava que eu tentasse publicá-la no jornal “Público” (já que me encontrava, na ocasião, em Portugal, hospedada na casa de um jornalista que trabalhava para esse jornal), demorou muito a ser publicada pelos dirigentes do Espaço Llansol. Anos antes, ela sairia publicada no blog fiodeaguaotexto, que mantemos desde 2011, como um espaço de convivência com a textualidade llansoliana e de “luta cotidiana pelo fulgor”. Nessa carta preciosíssima, lemos:

No quadro da literatura «nacional», serei sempre a esotérica de serviço. A minha literatura e a dos que escrevem no campo em que me situo será sempre marginal, intemática, incompreensível. Somos quatro ou cinco, ao lado de todos os outros, que têm por si o essencial dos meios de comunicação, as cadeiras universitárias, o establishment institucional e cultural, os ícones publicitários, os dinheiros do Estado e do mercado (fazendo as contas por alto, devo ter ganho quinhentos escudos por dia, nestes quarenta anos, ao serviço da literatura). Esta cultura pura e simplesmente não quer a minha obra, não sabe o que fazer dela, excepto em termos privados. O número de pessoas “cultas” da nossa praça que a lêem (algumas citaram-me páginas inteiras de cor), e são incapazes de a nomear no espaço público é propriamente aterrador. E, mesmo em privado, procuram silenciar o pensamento que ela veicula. Ou seja, eles próprios, no sistema da dupla cultura, colocam aquele texto na esfera do privado, não abrindo espaço para que eu possa intervir, não como marginal, mas como ser humano que criou uma perspectiva que, em privado, lhes é útil.

Ao chegarmos ao final da carta, leremos: “Creio que os outros escritores «do meu ramo» já conhecidos ou ainda no começo, aqui e no Brasil, vão ter de pensar no modo como criar um espaço de vida, que não seja marginal a nada, mas um lugar real de escrita e de leitura”.

Nessa carta que nos inclui, não só por sermos, no Brasil, escritores conhecidos ou ainda no começo, mas sobretudo por sermos escritores do ramo de Llansol, há um P.S. que diz: “Não devemos lamentar que os caminhos não se cruzem e os encontros não se dêem. Algures, no texto, se não na história, seremos humanos”.

Se hoje retomo essas palavras que não foram a mim dirigidas, é porque quero situar uma das figuras da obra de Llansol que surge dois anos antes, mais precisamente numa carta dirigida a Lucia Castelo Branco e seus alunos, onde se lê: “\_\_\_\_\_ falta-me uma flor branca, para compor com rigor um ramo lilás”. Aí começa a história de um ramo, que nós, brasileiros, recebemos em 4 de julho de 1998.

Pensemos na insurgência de um ramo – este anagrama perfeito de amor – que nos foi entregue por uma escritora portuguesa, supostamente hermética, supostamente anti-social, que na época não se deixava fotografar nem filmar, que raramente concedia entrevistas, e que era ainda quase que desconhecida em Portugal, mesmo tendo já recebido um dos prêmios literários mais importantes, o da Associação Portuguesa de Escritores, não sem muita polêmica e um certo desconcerto da comissão que a premiou.

Um ramo, para quem considera que a primeira matéria do poema é a clorofila, não é pouca coisa. É, pois, com a incumbência de trazer a público esse ramo que estas cartas hoje se apresentam, no contexto do 55º Festival de Inverno da UFMG, que sublinha as emergências e as insurgências. Pois ainda hoje, mesmo Llansol tendo tido, no Brasil, um impacto e uma ressonância mais fortes e mais fulgurantes do que em Portugal, o “mal de arquivo”, que revela uma posição ainda colonizadora da crítica portuguesa, pretende promover o apagamento desses traços e mesmo das declarações veementes daquela que um dia escreveu: “sem país em parte alguma”.

“Quem precisa que um ramo entre em sua vida?”—pergunta Llansol, em um de seus escritos. Curiosamente, não foi aos portugueses que esse ramo a princípio se ofereceu, porque ali não havia, na ocasião, terra fértil para sua florescência. Foi no Brasil, mais especificamente em Belo Horizonte, e mais particularmente na UFMG, que esse ramo floresceu em cartas, dissertações, teses, trabalhos de teatro e performances, livros de literatura, de psicanálise, mas também livros indígenas, em que a textualidade llansoliana seria tomada como método para as práticas da letra e para as edições coordenadas por Maria Inês de Almeida.

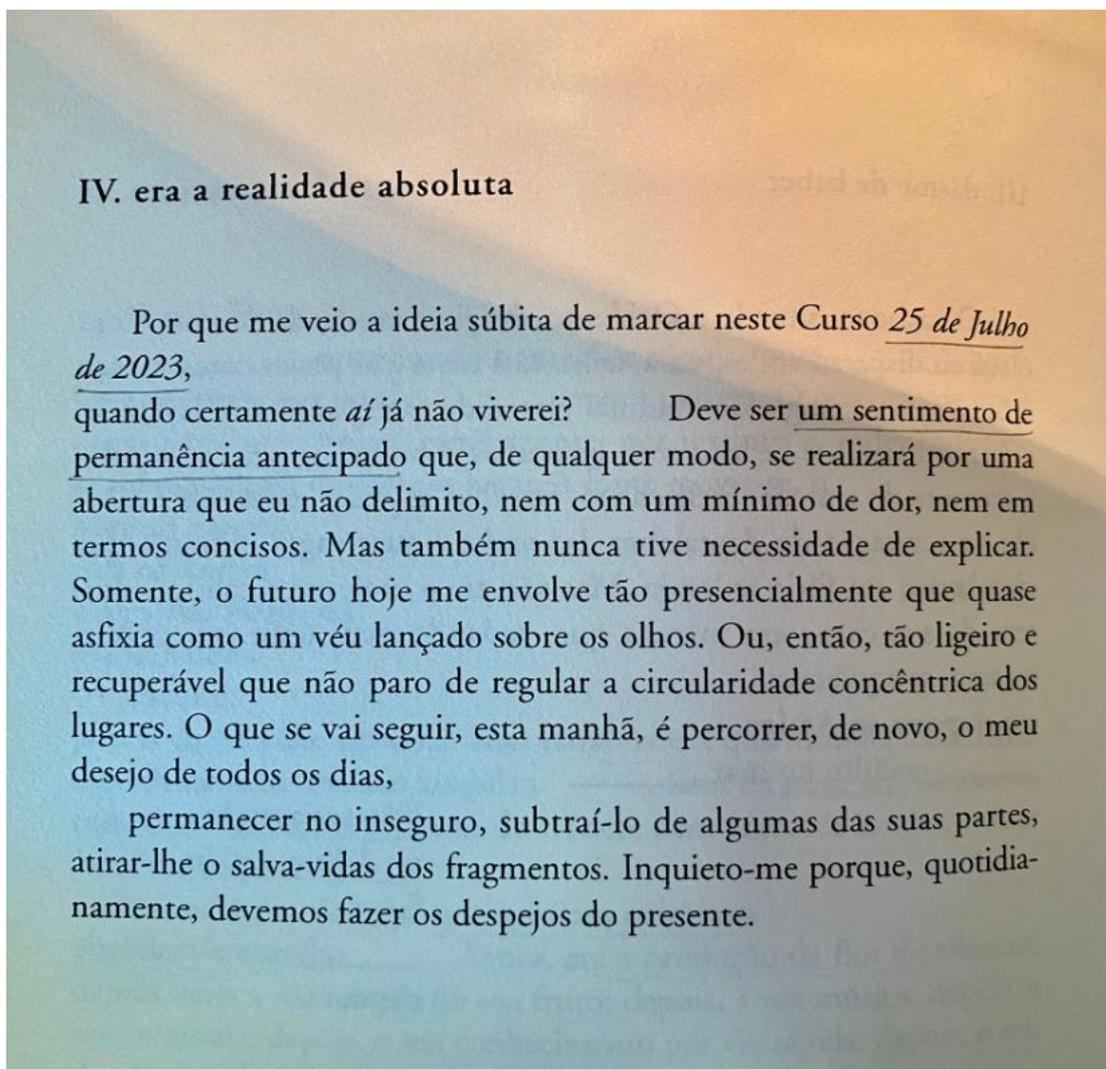
Este “lado B” da obra de Llansol, que compõe a pré-história de um destino mítico que parece querer se desenhar para seus textos hoje, em Portugal, interroga, na medida em que confronta, na materialidade mesma da escrita dessas cartas, o que se afirma no prefácio do livro *Todos os dias uma carta*, recentemente publicado (Mariposa Azul): “se olharmos mais de perto a escrita dominante em grande parte desta correspondência, concluiremos facilmente que não existe, em geral, a pretensão de fazer ‘escrita literária’ numa carta”.

Sem pretensão, mas com efeitos literários, pois é sempre da “coisa literária” que se trata, as cartas de Llansol para Lucia Castello Branco e seus alunos constituem-se em verdadeiros poemas, em que o pensamento sobre o Drama-Poesia e sobre os diferentes mundos abertos pela força po-ética da escrita se condensam, sendo capazes de tocar os corpos futuros que se permitem atravessar pela textualidade.

Talvez não houvesse melhor momento nem melhor espaço para estas cartas serem dadas a ler publicamente, pois foi no campo dos estudos realizados dentro da universidade pública brasileira que esta espécie de amor ímpar se abriu para fora de si mesma -- o amor ao texto, à letra --, no gesto sempre generoso do dom poético.

Mas quem escolheu este momento não fomos exatamente nós, que não supúnhamos que esta exposição aconteceria nesta data e que nem mesmo havíamos atentado para essa data escrita há quase vinte anos e que a oficina a ser oferecida aconteceria justo

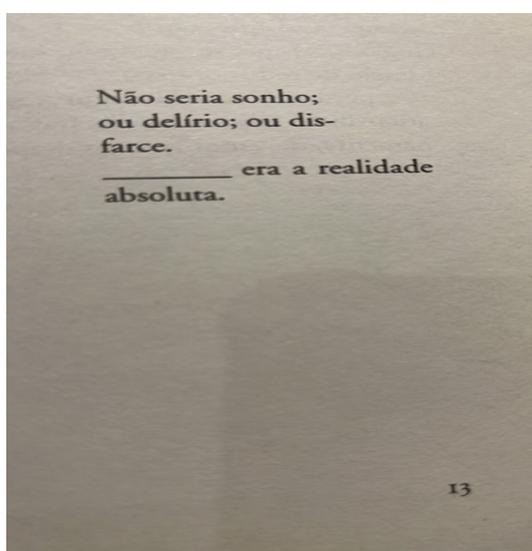
dos dias 24 a 26 de julho de 2023. Quem talvez tenha escolhido este momento seja a própria Llansol, quando escreveu, em seu livro *Amigo e amiga: curso de silêncio* de 2004, estas palavras:



Eis-nos na verdadeira permanência do texto de Maria Gabriela Llansol. Nós, brasileiros, “os sem terra e os vagabundos”, como ela escreveu na carta de 4 de julho de 1998, os habitantes das margens, como se lê em um dos envelopes bordados por Ângela Castelo Branco em um trabalho de sobreimpressão com a letra de Llansol, os um dia forçadamente colonizados e por isso decoloniais por excelência, e que soubemos receber esse ramo de uma escritora portuguesa que, “sem país em parte alguma”, encontrou aqui um “nicho frágil de escrita comum”.

“Era a realidade absoluta” é o título do trecho desse livro, *Amigo e Amiga*, em que essa escrevente registrou seu sentimento antecipado de “permanência” e de uma “abertura” que ela foi capaz de prever, mas não de delimitar. Porque, se hoje fazemos parte desse “futuro autobiográfico” de Llansol, como ela o definiu, é porque ela própria, com sua textualidade, nos ensina que “cotidianamente, devemos fazer os despejos do presente”.

Na página anterior a esta, a de número 13, Llansol escreveria:



E aqui estamos, nesta realidade absoluta, recebendo, mais uma vez, as cartas de Llansol, que afinal chegam a seu destino, no Centro Cultural da UFMG e fora dele, com a força de cartas-poemas que nunca acabam de chegar. E algures, se não na história, somos humanos.

Lucia Castello Branco

Belo Horizonte, 20 de julho de 2023.